

Oposição força negociação

Desde o início do Governo, a política salarial é o principal motivo das batalhas no Congresso Nacional entre as forças governistas e oposicionistas. As oposições inviabilmente vencem os embates no voto aberto, sem necessidade de maioria absoluta, aprovando legislações salariais, que são, em seguida, vetadas pelo presidente Fernando Collor. Para completar o círculo vicioso, as oposições não conseguem no Congresso derrubar os vetos. Com maioria relativa, mas sem apoio suficiente para alcançar a maioria absoluta, as oposições, ontem, decidiram radicalizar: ou o Governo cede e negocia uma política salarial com o Congresso ou todas as propostas de seu interesse — alvos nos últimos meses de inúmeras reuniões, de apelos do presidente da República e de uma frustrada tentativa de entendimento nacional — também não tramitarão no Legislativo.

O cansaço provocado por esse círculo vicioso explica em parte a decisão dos partidos oposicionistas mais moderados — PMDB e PSDB — de, pela primeira vez, acompanharem as propostas de radicalização das esquerdas. Mas há outras razões. No PSDB, por exemplo, o fim do namoro entre os tucanos e o Governo, deixou em posição delicada junto aos parlamentares mais oposicionistas o líder do partido, deputado José Serra. Em fevereiro, haverá uma reunião das bancadas para discutir a renovação da liderança. Até lá, Serra terá de con-

vencer os liderados descontentes de que pode exercer a liderança numa postura de oposição e até de confronto com o Planalto.

Disputa

No PMDB, a situação é parecida. O líder Genebaldo Correia terá como adversário na disputa pela liderança, em fevereiro, o deputado Odacir Klein, que pretende imprimir uma linha mais oposicionista ao partido. Genebaldo, ao radicalizar, atende a uma aspiração dos insatisfeitos. Mas o PMDB é complexo: ele agrada de um lado e desagrada de outro, descontentando os deputados mais ligados aos governadores como Iris Rezende, de Goiás, e Jáder Barbalho, do Pará.

Ontem à noite, não houve **quorum** para o funcionamento da Comissão Mista de Orçamento. O deputado Simão Sessin, do PFL do Rio de Janeiro, saiu da reunião e foi ao gabinete da liderança do bloco governista relatar a obstrução a Fiúza: "É para valer mesmo", comentou, preocupado.

Na liderança do bloco governista, um detalhado levantamento foi feito, ontem à noite, sobre os integrantes das diversas comissões. Fiúza está se preparando para uma batalha, na qual tentará fazer funcionar o Congresso Nacional mesmo com as oposições obstruindo todas as suas atividades. Se não der certo, "a responsabilidade não será nossa", como observou, ontem, o deputado Humberto Souto, líder do Governo. (A.M.)